

O RISO CRISPADO

o macarrônico alemão de *A Manhã* e a ascensão e queda do nazismo

Ana Carina Baron Engerrof
Carlos Eduardo Schmidt Capela
UFSC

RESUMO

Este ensaio contempla a produção de *A Manhã* feita por personagens alemãs, criadas, ao que tudo indica, por Aparício Torelly. A discussão tem como um dos objetivos analisar maneiras pelas quais interpretações do “ser” alemão no Brasil daquele momento são efetivadas. Para tanto, partindo de uma análise rápida e parcial da produção atribuída a “colaboradores” alemães do periódico, serão discutidos originais que se referem a um único tema: o nazismo.

PALAVRAS-CHAVE

literatura brasileira macarrônica, literatura e imigração,
macarrônico do alemão.

1. O MACARRÔNICO ALEMÃO DE *A MANHÃ*

Editado entre 1926 e 1947, *A Manhã* foi um jornal humorístico de inegável importância no cotidiano brasileiro da primeira metade do século XX. Seu fundador e grande animador foi Aparício Torelly, o Aporelly, que ali criou o personagem Barão de Itararé, com brasão de armas e tudo, cujo nome homenageia, bom nobre que era, um episódio bélico de importância crucial na história pátria, caso tivesse esse efetivamente ocorrido! Embora breves, essas referências a circunstâncias mínimas que cercaram a criação do Barão indicam um privilégio à política como fonte essencial para o humor de *A Manhã*.¹ O episódio ilustra ainda uma prática recorrente no jornal de Aporelly: a invenção de personagens que atuam como autores supostos de textos nele publicados, figurando entre essas representações inspiradas em grupos imigrados de forte presença no país, em especial nos centros urbanos das primeiras décadas do 1900.² Como a identificação de tais personagens era garantida pela linguagem com que se expressavam, forjada a partir de uma mescla entre a língua local e uma língua estrangeira, e dado que o processo de hibridização

¹ Para maiores informações sobre Aparício Torelly, com ênfase em sua atuação à frente de *A Manhã*, consultar KONDER. *Barão de Itararé*; FIGUEIREDO. *As duas vidas de Aparício Torelly, o Barão de Itararé*.

² Sobre o conceito de autor suposto, ver BAKHTIN. *Questões de literatura e de estética* (A teoria do romance), p. 117 e segs.

se estendia a outras de suas características, a denominação a elas aplicada é emprestada da qualificação tradicional daquela linguagem exótica, ou pitoresca, mas de inegável potencial transgressor. Trata-se de personagens macarrônicas.³

Este ensaio contempla a produção de *A Manha* feita por personagens alemãs (criadas, ao que tudo indica, pelo próprio Aparício Torelly) que participam do “Zubblemend to Alle...manho”, cuja publicação é praticamente ininterrupta durante o longo intervalo de vida do periódico.⁴ Como é recorrente no gênero macarrônico, os textos são de modo usual compostos na primeira pessoa. Há quase sempre um autor, não importa se nomeado ou não, que se identifica pela sua origem alemã, o que é ilustrado, como visto, pela presença de uma linguagem macarrônica, ou seja, composta a partir de uma combinação variável de termos e expressões da língua estrangeira (de maneira geral deformados, para facilitar a compreensão do leitor brasileiro), e, em maior medida, de termos e expressões do português brasileiro (reformados, de sorte a ganharem uma aparência “germânica”). A estrutura sintática é, claro, primordialmente da língua local. Um dos propósitos principais é indiciar, no domínio da representação gráfica, o linguajar de alemães em processo de integração social. A linguagem macarrônica é, portanto, fundamental para a instituição do espaço de enunciação fundado pelos textos.

A definição da origem nacional das personagens não deixa de ser tributária de uma série de traços estereotipados relacionados ao grupo focado. Como o propósito maior é o humor, parte dos jogos temáticos e textuais visa ao estabelecimento de situações absurdas, incongruentes e disparatadas, algo aliás antecipado pelo grotesco da notação gráfica e da linguagem híbridas.

Uma prática comum entre os autores supostos é a exaltação de tradições do passado germânico, não sendo poupados elogios à importância e a feitos ou conquistas da Alemanha na cena contemporânea.⁵ Exemplo dessa situação encontra-se em “A mais maior”, publicado no “Zubblemend” de 25 de julho de 1931, onde é feita uma apaixonada defesa da superioridade dos alemães, ameaçada pela notícia da recente construção, pelos norte-americanos, daquele que passaria a ser o maior dirigível do mundo.⁶ Ante a ameaça da perda de um dos símbolos mais fortes da supremacia de sua pátria no campo da aviação, o colunista reage enumerando toda uma série de realizações que deviam valer como prova do incomparável gênio germânico. Antes porém desqualifica – desde a referência nada lisonjeira ao veículo que divulgara a informação, reduzida a boato – o empreendimento do país rival, rebaixado a mera imitação. Projetada como uma estrutura pautada por repetições

³ Discussões sobre a linguagem e a literatura macarrônicas foram propostas, entre outros, por Ernst Curtius e Mikhail Bakhtin. No Brasil, Otto Maria Carpeaux foi um dos primeiros a tratar da matéria. Para uma discussão do macarrônico como gênero que floresceu em especial na primeira metade do século XX, no Brasil, ver Carlos Eduardo S. Capela, *Língua-Pátria, línguas-pátrias*.

⁴ O período de publicação de *A Manha* se estende, *grosso modo*, de 1926 a 1947. Algumas interrupções, causadas notadamente por problemas de ordem política, marcam a trajetória do jornal, que deixou de circular entre 10/1935 e 05/1937 e entre 06/1937 e 04/1945.

⁵ Não se deve esquecer que a partir do final da Primeira Guerra o nacionalismo ganha um forte incremento; sobre a questão, ver E. Hobsbawm. Uma excelente discussão sobre a situação complexa experimentada por estrangeiros encontra-se em Richard Sennett.

⁶ O texto, a exemplo de outros dos “Zubblemend”, não é assinado. Somente quando no original surgir o nome do autor suposto, este será explicitado. Nas transcrições, alterações nos originais surgem entre colchetes.

que imobilizam a postulada hierarquia entre povos e nações, a história é concebida como irreduzível, determinista. Essa posição inflexível, com contornos de crença inabalável, garante o lugar da Alemanha como a mais civilizada das nações:

As chornalcinhes te dosdong publiguei ung nodisie te gue as nordamerriganes chá gongsdruirong uma nofo tirrichifel te pallong, gome as zepplings allemongs (nadurralmente ung imidasong gobiade tas allemongs) e gue elles tiz gue está a mais maior ta mundo!

Nois nong agretita neste nodisie; nadurralmente está uma poate ingfuntada. O Alle...manho nunga nong vae bremidir gue as odres chendes vong faicê goises mais maiorres gome ella fais. Esta está uma tiçaforra gue as allemongs nong acuenda!

O Alle...manho dinha a vaboor mais maior ta mundo; ella dinha a Bismark mais maior ta mundo; ella dinha o zurra mais maior ta mundo gue ella tei bras frangseis na 1870; ella deng a nossa Hindenburg, a marrejaal mais maior ta mundo; ella dinha a Richard Wagner, a mucikande mais maior ta mundo; ella dinha a Wolfgang Goethe, a boeta mais maior ta mundo; ella fiz o quéra mais maior ta mundo bra 1914; ella deng a arrioblane DO-X, a mais maior ta mundo; ella deng a GRAF ZEPPELLING, a tirrichifel mais maior ta mundo.

A defesa intransigente do poderio e da superioridade germânicos em distintos campos é a seguir relativizada, quando surgem menções à crise econômica alemã. Apontando para uma “incapacidade” ou falta de destreza em lidar com finanças e economia, tais referências desautorizam ou no mínimo problematizam asserções antes expostas, sugerindo um processo de “decadência”. As hipérboles ganham sinal negativo, e sinalizam apassivamento: “e acora mesma dudes deng gue agretidá gue dampeng o Alle...manho deng o tifida mais maior ta mundo! e o Alle...manho dampeng vae canhá a embrestima mais maior ta mundo bra reçolfêr o grise mais maior ta mundo”.

O cronista, contudo, despreza o problema insinuado e conclui a exposição, mantendo o tom exagerado do início. Levada ao paroxismo, a exaltação patriótica acaba por afastar a carga de racionalidade que parte dos exemplos indicava como própria do povo alemão. No final, é como partidário, como alguém enfeitado pela paixão nacionalista que ele se mostra: “Gom allemong nong deng nada gue jorrá, está ali, no “padadinho”. Nong deng na mundo niung nasong gue bode gandá gome as allemongs: “Deutschland, Deutschland ueber alles”. Ueber alles mais maior ta mundo!”

O curto-circuito resultante, a contradição entre habilidade e inabilidade, entre ponderação e fanatismo, abre passagem para a introdução de um viés irônico que desautoriza a exaltação patriótica do texto. Com o mecanismo instaura-se uma crítica ao nacionalismo excessivo, cujo potencial alienante é ressaltado. Recorrente no “Zubblemend”, esse procedimento leva à introdução – na contramão de enunciados entusiastas, que acentuam, com sua parcialidade beirando o ingênuo, a ausência de questionamentos sobre as premissas em que se fundamentam – de referências ou informações que denunciam o caráter problemático das próprias premissas. Há uma evidente desqualificação da posição inicial, cujo perfil arbitrário é com malícia realçado. Ocorre aí algo que pode ser chamado de uma adesão incontinente autodesqualificante.

Racionalidade, de um lado, e nacionalismo, de outro, os dois termos em íntima relação, ora postos em tensão, ora vistos como extensão um do outro, fornecem substrato para uma série de textos do “Zubblemend to Alle... manho”. Em “Boesia Monterne”, de 11/07/1930, as festas juninas, consideradas manifestações pouco civilizadas, são interpretadas como sintoma do atraso brasileiro. A oposição entre alemães e nativos é

traduzida, no poema, pelo apreço que os primeiros dedicam ao trabalho, o que é atestado pela explícita valorização do seu complemento, o repouso.

Crassa Teus gue chá basei
Sand Antdonie e Song Chuong,
Song Beder dampeng se fui...

Nong se vê mais os foguêrras
Illumiande o sitade,
Mostrande bras estrangcherras
Uma Pracil adrasade.

Chende gue solda foguettes,
Chende gue solda pallong,
É chende gue nong deng chuisa,
Gue nong deng etugasong!

Sucheides gue soldong pombas
Tinoide e te matrukada,
Ingomotande, eng cherral,
A chende gue está teidada,
Tevia ir bra catêia
Ou simp[o]ra bra Bortukal.

Ao invés de simbolizar luz e razão, propriedades atribuídas aos ajuizados e educados alemães, a fogueira ilumina o horizonte de trevas, ocupando lugar central em um festejo descrito como bárbaro. A festa popular torna-se motivo de desprezo, sinalizando a recusa do poeta em aceitar outras formas de ação que não aquelas indicadas como tipicamente alemãs. A menção a Portugal, no último verso, traz à tona uma avaliação negativa dos resultados do empreendimento colonizador lusitano, incapaz de instaurar hábitos “modernos e civilizados” – em particular o apreço à ordem e ao labor. A recomendação da volta a Portugal simboliza esse fracasso. Redutor, o nacionalismo atua como vetor que expressa intolerância quanto a práticas e costumes do cotidiano brasileiro. Sobressai uma imagem nada simpática da personagem macarrônica. A sua posição em relação ao cenário local é, de um lado, de exterioridade, já que desde o lugar em que se coloca, superior, reprova o que vê, almejando a instauração de um estado de coisas afeito à sua maneira. Mas o poeta, por outro lado, sente-se incomodado com o espetáculo, a referência à imagem do Brasil e dos brasileiros no exterior, patenteando certa vergonha, um mal-estar por estar onde está.

“Boesia monterne” exemplifica outro recurso estratégico comum nos textos macarrônicos alemães de Aparício Torelly, empregado no caso para satirizar políticos e autoridades brasileiras de ascendência germânica. Insinuando-se após a leitura do poema, a sátira se concretiza com a menção do nome, em caixa alta, do autor suposto do poema: FIKTOR KONDER. Ao fazer do político catarinense, à revelia, uma personagem macarrônica, responsabilizando-o pelo texto, Aparício Torelly jogava sobre ele a imagem ali construída.

Se em geral os textos em macarrônico do alemão procedem por generalização, ou seja, uma dada personagem simboliza a comunidade nacional de que faz parte, ocorre aqui algo distinto. A menção a um homem público torna inequívoco um processo de particularização, de individualização. A crítica projetada pelo poema atinge menos os imigrantes alemães, enquanto grupo, que o ministro da viação do governo Washington Luis. A arrogância e a intolerância tornam-se características precisas de imigrantes ou descendentes de alemães como Fiktor, aliás Victor, Konder. Condenável, no caso, é a postura do político diante de práticas de conduta, tradições e valores que desaprova, como “confessa” no poema. Claro que, somada a isso, ecoa a denúncia de uma vontade de regradar ou transformar, de todo modo dominar, a vida social local.⁷

⁷ Além de Victor Konder, outros políticos de origem alemã surgem como autores supostos. É o caso de seu irmão, Adolph Konder, ou do general Bertoldo Klinger.

Longe de impedir as personagens de tratarem de assuntos da vida pública brasileira, o germanismo “militante” tem, para tanto, importância vital, fornecendo pontos de apoio para suas manifestações. Um bom exemplo é o texto “As mentigues”, de 19/04/1934, em que o cronista, ao comentar lei municipal que interditava a mendicância em áreas públicas, revela apoio irrestrito à decisão das autoridades, visto falar em nome do apego germânico à ordem e ao trabalho. Reaparece aqui o mecanismo da adesão incontinentemente autodesqualificante. O apoio exaltado, contudo, torna eloqüente a existência, no Rio de Janeiro, de um quadro amargo de tensão e injustiça sociais. Se mendigos atestam atraso, constituindo ameaça à “gente de bem”, ao poder constituído, sobra a denúncia da exclusividade da cobrança de impostos pelo poder público, ironicamente identificada à esmola, menos a possibilidade de negação. Numa inversão sugestiva, as autoridades são inclusive denunciadas, na conclusão, como estando a serviço do capital internacional, sobrando para os mendigos a pecha de se contentar com quantias míseras. Ainda que pareça continuar imóvel, o estereótipo do alemão como homem-trabalho faculta um trânsito que atinge em cheio o governo municipal carioca, cuja postura autoritária é vista como contribuindo para o recrudescimento da exclusão social, e para a manutenção de privilégios.

Bronto! Se agapei! As mentigues chá nong bódeng mais petir tinherra bra a chende riko! O bolisie vae levá eles dudes bresos na gateia! Esté ung ferconha! A chende tirreido, gue deng tinherra, garderes jeios e gatervedes nas pangues, nong botia andá nos ruas tsgansades! Bra gada esguine dinha uma, tuas, dreis mentigues, eng cherraal, sucheides fakapundes, maldrabilhes, fetorrendes, gue iong ingomotá a chende gom “ung esmolinte bra amoor te Teus!” – Atonde chá se viu uma sucheide asing, betinde uma dosdong? Ung ferconhe! Uma esgandaal!

Fais muipe peng o bolisie! Báu no eles! Gateia gom eles zenhor telekade! Endong estas sucheides suches, fetorrendes, esfarabades nong zabeng gue sómende as munisipies e as Esdades e o Uniong bódeng esdende o mong bra betir tinherra bras Rotschilts e Lazar Brosers?

Gateia gom eles, zenhor telekade! Báu nestas sucheides send glasifigasong gue vong bra os esguines betir dosdongs e findengs engveis te milhongs!

As personagens amiúde se manifestam como legítimos representantes dos imigrantes alemães e dos interesses da antiga pátria no Brasil, isto é, ocupam de fato um lugar que não lhes fora concedido, o que faz parte da estratégia ficcional da criação macarrônica. Daí ser natural a defesa por vezes intransigente da superioridade alemã nos mais diversos campos da atividade humana, ponto de vista que pode se materializar em comparações explícitas entre germânicos e brasileiros, como em “Boesia monterne”. São muitos os textos em que estigmas projetados sobre os nativos, em especial as proverbiais preguiça e vadiagem, são lembrados como sinais inequívocos de decrepitude. Em “Gwesdongs te lincuas”, de 20/02/1932, assinado por Franz Von Rainville, a oposição entre apreço ao trabalho e ambição profissional, como qualidades germânicas, e vagabundagem brasileira, é complementada pela sugestão de que também do ponto de vista físico os alemães exibem sua proeminência:

Nadurrallmende, nong se bode faicê ung gombarrasong endre uma allemong e uma pracilerra. Guande a chende olha bra uma allemong e olha tispois bra uma pracilerra, a chende immetiadamente vae vê o tifferengse gue deng te uma bra odra...

A allemong está glarro, fermelha, fort, beito crande e seng pariga. A pracilerra, se está prango, está anemiga, gor te zêrra te faicê vella bra icrêche, garnes molles, parikude e seng fondade te faicê nada! Se a chende brikunda bra uma allemong: guê gue focê guer sê? Elle resbonte immetiadamente: soltado ou afiatoor, ou dampeng: enchenherra, asdronomo, elegdrisiste, etc.

Acora, uma pracilerra vae resbontê: Ah! Eu guer sê embrekade bupligo, mas numa embrequinhe “zukko”, te nong faicê nada...
Nadurralmende, deng eksepsons... Eu sômende guer faicê ungs gombarrosongs...

Pelas frestas de elogios autocongratulatórios insinua-se uma luz irônica, como as descrições físicas do fragmento possibilitam entrever. Agindo por ricocheteio, a ironia faz que a posição assumida mostre sua face quimérica, jogando-a contra si e acabando por revelar, nas personagens, uma faceta ridícula. O macarrônico, deste modo, não raras vezes enseja um contradiscurso, cuja perspectiva é brasileira, que de modo oblíquo volta-se contra os próprios sujeitos que detêm a palavra.

Parte dos exemplos discutidos apontam para um processo pelo qual alemães e brasileiros, a partir de alguns dos preconceitos mais recorrentes a eles associados, são aproximados e relacionados. Resulta um questionamento de posições fixas, que indiquem uma superioridade absoluta de um grupo sobre outro, a despeito de os textos serem enunciados por supostos alemães. Tanto estes como brasileiros, em suma, são colocados numa relação de tensão compensatória, sendo as imagens recíprocas que os identificam confrontadas e reconsideradas constantemente. A crítica recai em especial em posturas absolutas ou exclusivistas, como as nacionalistas. Essa dinâmica de questionamento de perspectivas rígidas e inflexíveis de certo modo é inerente ao macarrônico, que afinal se fundamenta num processo de franca hibridização.

Comparações entre germânicos e nativos estabelecem momentos de tensão; são muitos, por outro lado, os textos feitos com base na tradição cultural de cada um dos países. A mescla, então, atravessando o nível lingüístico e o jogo das representações mútuas, se corporifica na intersecção de “textos” paradigmáticos alemães e brasileiros. Originais locais são recompostos segundo uma percepção tida como germânica, claro que não raro girando em torno dos inolvidáveis estereótipos. Um bom exemplo é a “Gansong ta Allemong”, “Dratuksong te o “GANSON TA EXCILIO” ta pracilerra Gonzalfes Ties”, publicada no “Zubblemend” de 28/06/1945. Na recriação do por certo mais parodiado dos poemas brasileiros, a exaltação patriótica do original, baseada na superioridade da natureza brasileira, é substituída pelo louvor a cerveja e chope.

O meu déra deng serfecha
Gue a chende pébe à fondade!
O serfecha ta Pracil
Nong está to mesmo gwalidade.

Nosas parils estong mais crandes,
Nosos karafes estong “tip-top”,
Nosas gopas estong mais fines,
E mais costosa a nosa chopp!...

Pebendo serfecha allemong,
Mais bracêr a chende deng!
Se a chende pébe ung karafa,
Logo guer pebê mais ceng!...

O meu déra deng serfecha
Gome nong deng odre nasong:
Gwande se pébe uma paril,
A chende guer mais ung borsong!
O meu déra deng serfecha
Gue está, mesma, muide pong!...

Eu béde bra a zenhor Hitler
Te nong texá eu morê
Andes gue fólda bra lá;
Andes gue eu bóde pebê
Serfecha indé arependá!
Ou endra numa donnel
e pebê indé me afoká!!!

Assinado por Alex Frank, assíduo colaborador do suplemento, o poema não deixa de chamar a atenção para o aspecto redutor da construção da imagem da nação a partir de um único elemento, ou referente. O nativismo exultante, com a natureza no original e a

cerveja na recriação, é posto sob suspeita. Ilustração do aproveitamento de referências da cultura alemã, deslocadas para o cenário brasileiro, é a crônica “Siegfried?...”, de 16/10/1931.

Jeguei hondonde bra Rio Andreas Sie[g]fried, rabais muide gonheside bra dude munde borgause ta gompate gue elle tei bra uma trakong muide mais crande gome elle!!!

Esta rabais estava, te brimerra, allemong, e fui a zenhor Richard Wagner, crande mucikande allemong gue tesgupriu bro elle, no Alle...manho...

A zenhor Richard Wagner esgrefi, gwande elle estava ainta choveng, ung bardidurra tenominade “Lohengrin”. Este Lohengrin estava uma sucheide muide sengferconha, elle nong estava allemong, elle estava te ung odre nasong. Elle tinha uma filha, ung menino muide ponidinhe e muide indellichude gue se jama Brunhild. Este menino Brunhild figuei crande e bequei te namorrá uma rabais te nome Siegf[ri]ed.

Siegfried e Brunhild se amava muide e se gueria mesma te fertade! Dudes ties Siegfried ia no gasa ta babai te Brunhild bra ficitá bro elle, mas Brunhild nunga nong fui no gasa to mamai ta Siegfried. (...)

Hondeng, gwande nois fui no brecengse ta zenhor Andreas Siegfried, nois brikundei se elle se lemprava ta dempo gue elle estava rabais. Elle figuei muide driste, e regordei o sena to florreste atonde elle madei o trakong. E elle, tispois te gondá dudes tirreidinhos, elle betiu bra nois nong falá mais neng ta trakong neng to Brunhild..

Os dois textos mostram um tipo de imbricação tornado possível pelo caráter híbrido do macarrônico, graças a sua perspectiva em trânsito, que proporciona um constante questionamento de dogmas de toda sorte, ainda que, paradoxalmente, sejam em especial preconceitos e estigmas as matérias básicas com as quais o macarrônico é forjado.

A centralização do ponto de vista em supostos alemães permite a abordagem de assuntos de interesse mais específico da comunidade germânica; por exemplo, acontecimentos relacionados à situação interna da Alemanha, do domínio da política em particular, tratados com naturalidade dado o espaço de enunciação do “Zubblemend”. O macarrônico do alemão, dessa forma, além de possibilitar o aproveitamento de temas brasileiros, de permitir um tratamento “excêntrico” a respeito destes, e também a respeito de eventos de interesse geral, fornece um consistente substrato para a discussão da situação contemporânea da Alemanha. Esse é o contexto em que é publicada uma série de originais tendo por matéria o fenômeno do nazismo, introduzido já pela paródia à “Canção do exílio”, em que Hitler é colocado como responsável pelo destino dos alemães, no caso a volta ao lar. São alguns dos originais pertencentes a esta série que serão a seguir discutidos.

2. A ASCENSÃO E QUEDA DO NAZISMO

No “Zubblemend to Alle... manho”, as primeiras referências ao nacional-socialismo aparecem em meio a comentários sobre a crescente instabilidade política da República de Weimar. Acompanhando um clima geral, existente inclusive na Alemanha, as personagens macarrônicas demonstram, quanto ao fortalecimento do nazismo, um misto de estupefação, incerteza e expectativa. Fica evidente, da parte delas, certa ignorância quanto a desdobramentos recém-ocorridos na política alemã. Nos anos que antecedem à conquista do poder por Hitler a predominância é de artigos de cunho documental, nos quais se passam em revista atualidades políticas da Alemanha.

Sinal emblemático da desinformação é o título (irônico?) de artigo publicado no “Zubblemend” de 27/11/1931: “Alfred Hitler”. Referindo-se a discurso recente do futuro

“Führer”, em que este criticara o governo Brüning pela sua postura frouxa diante da questão do pagamento das indenizações acordadas em Versailles, o cronista se vale da atribuição recorrente do trabalho e do juízo como marcas do povo germânico, indicando-as como essenciais para o reerguimento do país. Grande destaque é dado à posição de Hitler, contrária ao pagamento das indenizações e, ao mesmo tempo, à delicada situação em que se encontrava Hindenburg, diante do risco de radicalizações. O texto sugere o clima instável causado pela emergência do nazismo como força política de relevo.

Uma dillikrammo gue a nosa goresbontende allemong mantei bra nós está ticendo gue a coferna ta zenhor Bruening está engakasade gom uma tisgurse gue a Alfred Hitler, gommantande eng jeffe tas “fadgisdes” allemongs[,] bronungsiei nestes ties, na Berlin, bra contra bra brokrammo ta coferna adwaal.

A zenhor Hitler tice, frangammende, gue as allemongs téveng terubá a zenhor Bruening e podá na boter a bardide “fadgisde” bra intirreidá o “pakunza” allemong.

A zenhor Bruening fui gongfersá gom a zenhor Bierre Laval, to Frangse, brasima tos intemniçasons te quera, e a jangseller allemong tice bra minisdre frangseis gue o Alle...manho está escodade, nong bode bacá os rebarrasons, mas, a coferna ia faicê dudo o borsifel bra ir bacande te cafarcinhe os seus tifides.

A zenhor Hitler chá tice ung veis gue as allemongs nong estong dong “droxas” gue vong bacá turrande 62 annes, os tifides gue elles nong fiz (...).

A brecitende Hindenburg barrese gue vae mais gom a zenhor Hitler te gue gom a zenhor Bruening... S[ó] elle bede bras rabais nong faice mais esgulhampasons. Elle chá figuei muide felho e nong costa mais te parrulhades.

Nadurralmende, chá está dempo tas allemongs canhá chuisa, te drapalhá bra lefandá odreveis o Alle...manho peng aldo, gome te brimerra, andes to quera.

Elles barcisa ticê ungveis e sembre: “Deutschland. Deutschland, ueber alles!”...

Já em “Hitler”, do “Zubblemend” de 03/02/1933, publicado logo após o líder nazista assumir a chancelaria alemã, a fulminante ascensão do nazismo, motivo de estupefação geral, é discutida e explicada, didaticamente. Indicando estar agora mais bem a par das disputas políticas na Alemanha, o cronista anuncia possíveis desdobramentos resultantes da alteração da correlação de forças, realçando a iminência de conflitos, tanto no plano externo, dada a previsível colisão contra interesses sobretudo franceses, como no plano interno, divisando uma escalada nos confrontos entre nazistas e comunistas. Em sua avaliação do sentido das mudanças de rumo na condução da Alemanha, ele se mostra consciente dos métodos de ação violentos dos nazistas, em especial a ameaça às liberdades civis, exemplificada pela perseguição à imprensa. O reconhecimento de que a chegada de Hitler ao poder fatalmente levará a uma nova fase na história alemã é explícito.

BERLIN, 30 – A BRECITENDE VON Hindenburg endrequei as bontes bra zenhor Adolfinhe Hitler.

Esta fui a dillikrammo gue as chornals allemongs ta Rio (inglucife, nadurralmende, a nosa zubblemende) resepi to Alle...manho, hondonde. Hitler jangseller! Muide chende figuei atimirrade gom esta nekocie. Sómende gueng nong deng agombanhade as agondesimendes nestas uldimes ties no Alle...manho, bude se atimirrá. Chá bra muide dembo a chende esberrava gue a zenhor Hitler ia figá geff ta coferna.

Gwande fui tos eleigsongs te Chulie, chá a zenhor Hindenburg dinha o oprikasong te endreká a coferna bras “nazzi”. Elle nong gueria.

O asensong te Hitler dinha ung signifigason muide imbordande bra o bolidick inderrior e eksderrior to Reich. Inderrior – borgause to quera que elle deng gue faicê gom as rabais ta zenhor von Thalmann gue, dampeng, nong estong te pringueda... Eksderrior – borgause tos “gondinhes” gue elle deng te achusdá gom a franseis et katerva...

As gommunistes chá bringsibiei te faicê parrulhes bra asusdá a nofa jangseller, e as chornais ta London e bringsibalmende as te Barris, chá estong addirrande foguettes andes gue elles vong bra “o festa”...

Alcuns chornalistas chá estong jorrande andes te abanhá... (...) Mas, o! magagade!... nong deng nada gue jorrá... Acora foceis dudes vong roê bong turra...

Acora, chende nofo, vida nofo dampeng! A zenhor Hitler chá tice gue nong vae levá ninqueng te “gombader”... Gom elle está ali, no “padáto!...” (...) Acora, bra 1933, a zenhor Hitler vae faicê dues coses gue a zenhor Mueller nong bude faicê, na Fersalhes, bra 1918.

(...) Acora as allemongs (...) vong vê a muck tas nazzi. Von Bruenning, von Papen, von Schleicher, dudes elles chá gonhéseng a muck ta Adolfinhe! Acora as chuteus deng gue arumá o droxinhe e brigurrá o vida te odra cheido...

Um tom de galhofa, anunciado no diminutivo aplicado para nomear o novo chanceler, e que reaparece logo depois, quando Hitler é chamado de “Garlitto ausdriague”, contrasta com certo temor quanto à possibilidade de uma política alemã pautada por ações revanchistas e repressoras. O cronista, no entanto, sugere que a nomeação nada mais é que um lance político de Hindenburg, feito com o intuito de desgastar o líder nazista. Tal hipótese é reforçada pela publicação do telegrama de felicitações ao novo chanceler que teria sido enviado pelo ministro brasileiro das relações exteriores, em que o travestimento de “O corvo e a raposa”, de La Fontaine, traduz em acordes cômicos o quadro que supõe de antemão preparado para Hitler.

As inimigues te Hitler – e Hitler deng muides – estong chá esbalhande gue a “Garlitto ausdriague” gahiu nung esbarello gue a zenhor von Hindenburg brebarrei bro elle chunde gom as suas amigues von Papen, Schleicher, H[i]ngenber e odres mais.

Bóde sê gue elles deng raçong, mas bóde sê, dampeng, gue elles nong deng raçong.

A zenhor Mella Franga, ministre tos relasongs eksderriorres ta nosa Pracil, chá mantei uma dillikrammos te felisidasongs bra zenhor Hitler asing retichide: – Minha guerride gollegue.

Acora gue foicê supiu brasima e gue figuei jeff ta coferna allemong, eu deng bracer bra tar as minhes barrapengs, minhes besoalmende [e] bra nome ta minhe coferna e ta bofo pracilerra.

A coferna pracilerra esberra gue focê vae figá muide dembo lá na sua locar, chunde gom a féilha Feldmarschall. Tá lisenga gue manta uma gonselha bra focê: – abre os olhos gom as felhes bolideguerres... Focê está uma rabais muide chôveng, nong gonhese ainta os “manhos” tos félhes rabosas... (die alten Fuechse) e bóde se techá gahir numa purraka... Nong se esguece te este fápula gue a zenhor Lafondenne frangseis esgrefi te ung rabosa, uma arripú gue dinha um gueicho na pikko.

A rabosa basei bra pacho to arfore atonde estava sendado gom a gueicho binturrade na pikko, e tice bro elle: – O! zenhor arripú! Focê zabe gandá dong peng! Focê deng ung fois dong ponido gue eu deng fondade te oufir focê gandá!... A arripú figuei gondende, ingjade te sadisfasong e immetiadamende fui gandá bra o rabosa oufir, e gwande elle abriu a pikko (as arripús nong bódeng gandá gom a pikko fechade) a gueicho gahiu na chong.

Immetiadamende o rabosa afangsei e garequei a gueicho simpora e techei a bopre arripú gandande socinhe... Me tisgulta se este hisdorrie nong acratei bra focê.

Apraces bra dudes odres rabais ta minisderrie Hitler. Prosit Neujahr! Mella Franga.”

Na mesma edição surge ainda a seção “Obinions”, com supostas entrevistas de membros da colônia alemã no Brasil, em que estes avaliam o significado da ascensão de Hitler. O tratamento cômico reservado ao episódio é evidenciado pela transcrição das opiniões de um banqueiro, cujo sobrenome sinaliza a origem judaica: “Wiedemann”. A

crítica à usura cobrada pelos proprietários do capital, identificados aos judeus, introduz uma perspectiva móvel, relativizadora, que evidencia o cenário social conturbado:

A nosa agredidade zubblemende allemong, enduciasmade gom o zupide ta zenhor Adolf Hitler bra a leme ta vaborcinhe to Alle...manho, fiz ung “anguett” bra endre bras allemongs mais imbordantes ta Rio te Chanerra e oufiu os obiniong gue elles tei bras nois bupligá.

A brimerra gue nois engondrei fui a zenhor Heinrich Wiedemann, tirektor zubsdidutt ta bringsibal esdapelesimende pangarie allemong ta Pracil. A zenhor von Wiedemann bengsa gue o Alle...manho nong canhei nada gom o zupide ta zenhor Hitler, bra gondrarrie, tiz elle, o nasong allemong vae se brechutigá gom esta sucheide. A zenhor Adolf nong está peng indengsonade gom as gabidalistes allemongs. Elle chá tice ungueis gue barcisava agapá gom dudes chuteus to Reich, e isto nong está tirreide, nong está lechidimo! O Alle... manho barcisa te uma homeng gue nong se vae imbordá gom as churrinhes te 20 e 30% gue a chende canha as veis ingwande numa nekociecinhe gwalgué.

Com a evolução da situação Hitler não apenas se mantém no comando do governo como ainda consegue plenos poderes para administrar o estado alemão. Vão se tornando cada vez mais cristalinas, e conhecidas, normas e ações que atentam contra liberdades básicas, com o incremento da violência, da exclusão e da perseguição aos opositores do novo regime. No “Zubblemend” a onda de autoritarismo torna-se motivo de denúncia, surgindo amiúde satirizada. Para tanto, o mecanismo da adesão incontente auto-desqualificante é por vezes empregado. É o que pode ser verificado em “Fiolengsies”, de 03/06/1933, onde a censura à imprensa é ironicamente explicada e justificada:

A coferna ta zenhor Hitler ortenei o subsbensong ta chornal allemong Deutsche Allgemeine Zeitung bergause te uma ardike fiolende gue esta chornal bupliguei bra gondra bra a coferna! Peng feido! A zenhor Hitler está regomentande dudes ties gue elle nong guer zapê te fiolengsies, e esta chornal vae esgrefê ardikes fiolendes gondra a coferna! Orra!... A zenhor Chedulie Fargues chá tice, ung veis, gue “o fiolegsie chérra fiolengsies”. Nadurralmende, a zenhor Hitler mantei fechá esta chornal só bra nong cherrá odres ardikes, odres fiolegsies...

Neste mesmo número, em outro artigo não assinado, “Fero engarnada...”, a técnica reaparecia, sendo empregada para a “defesa” do tratamento dado pelos nazistas aos opositores feito prisioneiros, cuja candura é realçada, e para o questionamento de notícias cujas afirmações vinham em sentido contrário, veiculadas pela imprensa européia. Mesmo um dos pilares da argumentação antes realizada em prol da superioridade alemã, a eterna disposição para o trabalho, é ao menos em termos abandonada. Isso porque, na Alemanha nazista, o argumento fora apropriado pelo discurso oficial. Em “1 de Maio”, do “Zubblemend” de 19/04/1934, a personagem do cronista insinua com sutileza sua crítica aos partidários de Hitler, já que, após retomar uma das plataformas da retórica nazista, a diminuição radical do desemprego, indica no entanto que aqueles reservam para si um estatuto privilegiado, chamando a atenção para o fato de que os não-nazistas, apenas, eram não só os que trabalhavam como a isso eram forçados.

A existência de privilégios reservados a membros do partido nazista ganha destaque, bem como o grau absurdo de autoritarismo que dominara a Alemanha. Em “Nong bóde pebê!”, do “Zubblemend” de 27/05/1937, o objeto é justamente a proibição do exercício, pelos alemães, da prática apresentada como a principal no estereótipo a eles associado. É

nítido o surgimento de um sentimento de desilusão com os rumos da Alemanha nazista, não raro acompanhado por uma tendência crescente das personagens em tentar cortar os outrora sempre realçados vínculos com a nação e o povo germânicos, antes motivo de orgulho. Em “Hitler”, de 03/02/1933, o cronista anunciava a sua condição de brasileiro, indicada pelo uso do pronome possessivo da primeira pessoa do plural: “nosa Prasil”. Essa posição é reiterada em “Nong bóde pebê!”, patenteando-se na contestação direta à legislação nazista, na modificação do bordão que usualmente coroava a conclusão de textos em que o nacionalismo germânico era exaltado e, enfim, no alívio que o cronista demonstra por ser um alemão vivendo no Brasil:

No Alle...manho te Hitler dudes sucheidinhos gue deng ung bocisongcinhe te coferna, bóde tegredá leis e faicê órtengs bra gondra te gwalgué besoa to Reich! Se agapei aguelle lipertade gue dudes allemongs dinha andigamende e gue dudes odres chendes te odres nasongs temogradigues ainda deng! Acora, manta gueng bóde, gueng deng audorritade.

Fui asing gue uma zenhor “nazi”[,] Himmler, jeffe cherral to bolisie zegretto to Reich fiz ung lei ticendo gue dudes sucheides gue vong adropelá chende no rua gom audomofels, ou gue vong “gambaleande” gom uma góbinhe temais no gapêsa, estong griminoses! E deng gue ir no gateia bresso! Hoche ninqueng mais nong deng lisengsa te faicê ung “fárinhe” e te domá uma “bórecinhe”(...)

Mas, frangamende, zenhor Himmler! Brohipir uma sitatong allemong te pebê a sua “tublacinhe” está mais te gue uma absurdo! Está ung galamidade... Felizmende, bra nois allemongs ta Rio te Chanerra, esta lei micerrafel nong ekciste. Felizmende, agui a chende ainda bode pebê e gantá: – Choppland, Choppland, ueber alles!

Com o passar do tempo tornam-se comuns artigos de franca oposição ao regime nazista, recheados com alusões claras ao terror imposto na Alemanha. O processo de afastamento em relação ao nazismo e seus simpatizantes atinge seu ponto culminante com a distinção entre o povo alemão, de um lado, e os nazistas, de outro, identificados como “as rabais ta Bikotinhe”, entre diferentes epítetos, sobre quem é lançada a responsabilidade pelo terrível estado de coisas. Procura-se com isso inocentar, ou ao menos preservar, parte da população alemã, tomada como vítima. Bom exemplo desta tendência é o “Boema Zimphonigue” intitulado “Kultur te Sabaterra!”, assinado por Ernst Linnau e publicado em 12/08/1933:

Os goises, no Alle...manho,
Acora, nong estong “zoppa”!
A chende deng gue figá galade,
Deng gue figá guiedinhe!...
As rabais ta *Bikotinhe*
Deng lisengsa bra adirrá,
Deng lisengsa bra madá,
Bra faicê esgulhampasongs!...
Acora, dudes sitatongs,
Esdrangcherres e allemongs,
Nong bódeng mais bensá
Gome elles guér!
Deng gue figá “rasiste”!
Neng chuteu, neng gommuniste!

Neng temograto, neng bobuliste!
É ali – no padatinhe!
– Ou vae gom a Pikotinhe,
Ou vae bra a zeminderria! –
Nong deng nada gue chorrá!
E se alqueng vae brodesdá,
Veng ung bolisie to Kuarda,
Abonda ung esbinkarda
E tá uma dirra – PUMM!!! –
A chende deng gue morê!
Nong deng dempo te gorê
Neng te pebê
Uma chopp bra tesbetida!...

Uma justificativa para o sucesso dos nazistas em obter o apoio de parte do povo alemão é fornecida em “O eksbulsong”, do “Zubblemend” de 12/08/1933. O articulista faz uma digressão sobre os conflitos entre os partidários de Assis Brasil e Borges de Medeiros para ilustrar a tendência das pessoas comuns de aderir aos vencedores e esquecer compromissos antes assumidos. Em seguida esboça, por contraste, perfil da identidade germânica, elegendo como seus principais traços a disciplina e a obediência, vistos como inflexível herança da época da monarquia. Com base nesse diagnóstico defende a idéia de que Hitler, como bom conhecedor dos alemães, aproveitou-se dessa propensão, incorporando na ideologia nazista valores tradicionais, caros aos germânicos. O cronista, assim, não apenas indica o caráter oportunista e explorador de Hitler e aliados como ainda chama a atenção para a inevitabilidade do fracasso da República de Weimar, que não conseguira questionar valores do império e reeducar o povo alemão com base em princípios democráticos. O resultado fora a manutenção, entre os alemães, de um patriotismo quase doentio, com fortes inclinações para o militarismo.

Sua posição é de repúdio ao nacionalismo fanático e ao xenofobismo, o que fica claro quando elogia o governo brasileiro pela expulsão de um cidadão alemão – figurando, no texto, como emblema do orgulho cego de uma parcela de seus conterrâneos – que publicamente ofendera o Brasil e os brasileiros, a despeito de ter passado no país boa parte de sua vida. Patenteia-se o apoio a reações contra nazismo e nazistas por quaisquer nações:

As allemongs sembre fui etugades, teisde gue elles nasia, numa rechimeng te quéra, te monarchie, te imberrialismo, te opetiengsie seng tigusong. Bra 1918 elles aseidei a nofa rechimeng rebupligane gome aseidei dampeng a dradade te Fersailles: – bra oprikasong –! Nong bra o seu fondade, bra o seu brefferengsie. E a zenhor Hitler gombrehenti muide peng estes goises borgause gue elle, se nong está uma allemong, elle deng zangue allemong e gonhese muide peng os inglinasongs, os brefferengsies e, brincibalmende, a ORKULHA tas allemongs! E borgause te isto elle fiz o seu refulosong e canhei a botêr! O dratisong, a fogo, a zangue querera e a esbir[i]to te tisiblina e opetiengsie ta chende ta Rheno, estavong e estong acora mais te gue andes, padendo tendro ta beito te gada uma allemogcinhe ou te uma allemongsong!

Hermann Kreh está uma sucheide te estas. Elle fui bra muides annes na Praci[l], vivi na Pracil, canhei na Pracil, gomi a sua feichongcinhe e os seus padates na Pracil. As odres chendes bengsávong gue elle dinha acora ung secundo Vaterland – a Pracil. Popágeng! Elle está sembre mais allemong, mais imberrial, mais brusianigue, mais rasiste! E borgause te isto elle esgrefi gartes offentendo a Pracil e as pracilerres. E asing gome elle fiz bra a Pracil, elle bode faicê dampeng gom gwalgué odres nasong gue nong está o Alle... manho. Fiz muide peng a coferna ta Pracil mantá simpora esta sucheide zafade e garnalhe!

O processo de rearmamento da Alemanha é também realçado. Em “Hitler deng medo?!?!”, de 06/05/1937, são criticados alguns dos argumentos com os quais o líder nazista procurava justificar a corrida armamentista, e, ao mesmo tempo, reclamar do armamento de outras nações européias. Apontando as falácias do governo nazista, o cronista revela a parcialidade e o ridículo da posição alemã, antevendo a iminência da deflagração de uma nova guerra. Trata-se de uma leitura consistente da instabilidade política do momento:

Gwande, bra Novempre te 1918, as andigues alliades opriquei as allemongs te assikná uma dradade tiscrasade bro Vaterland, o Alle[ma...]nho figuei amarado, seng uma ganifete bra se limbá os unhes! Fui a tisarmamende apsolut, gogleto (...) E as allemongs figuei asing inde gue a zenhor Hitler supiu na boter e bequei te faicê garrêtes bras frangseis e bras inkleis, e, esbesialmende, bras russes ta zenhor Stalin. As andigues

inimigues to Alle...manho nong se imbordei, e a zenhor Adolfinhe fui dradande te faicê a rearmamende gombleto to Reich, e hoche nong deng na mundo inderra ung boden[g]sie ikwal gome o All...manho nazista! Armamendes moternes, apontandes e to melhor gwalidade gue odres nasongs nong deng! Nung nasong gom gwaje 70 milhongs te chendes, gom umas 20 milhongs te homengs peng armades e peng munisiades, gueng vae pringá gom este chende? Gueng se vae bensá gue este nasong deng medo te ung nasongsinhe begueninhe, te só 15 milhongs te hapidandes, seng o etugasong, seng o tisiblina, seng a orculho e seng o fama tas allemongs te Hitler? Gueng vae agreditá bra isto? Ninqueng, nadurralmende. Mas, dudes chendes ghe li uma dillikramo gue as chornals bupligui bra estes ties, vae bengsá chusdamende gome eu bengsa.

A dillikrammo está asing:

– Berlin 30 te April – (Havas) – “A revista militar WEHRFRONT declara em artigo de hoje: – OS ARMAMENTOS DE PRAGA SÃO UM PERIGO PARA A PAZ DA EUROPA CENTRAL E AMEAÇAM, PARTICULARMENTE, O DESEJO DE PAZ DO REICH.

Está ung refiste allemong gue tiz gue as armamendes te PRAG, no Tscheco-Slovaquio, estong ausdande as rabais ta zenhor Hitler!!! Hitler nong guer gue este nasongcinhe se vae armá! Os nasongs begueninhes nong deng tirreido te se armá! Isto está goisa somende bra os nasongs crandes e boterroses! E estes nasongs crandes e boterroses, gwande estong armades e peng munisiades, brontinhes bra o brójimo crande quera, nong têjong as begueninhes se gombrá uma ganifete e ungs bisdolinhes te esboletes te babel, borgause gue elles vong “AMEASÁ BARDIGULARMENDE A TECECHO TE BAIS TO REICH”!!!

Mas, se as 70 milhongs te allemongs, peng armades e peng munisiades deng medo tas tschekos te 15 milhongs, guê gue a chende vae bengsá to Alle...manho akdwaal? Me barrese que só deng ung resbosta: – Hitler figuei gombledamende maluka to gapêsa! Elle rasquei a dradade gue as cofernes allemongs anderriores aseidei e asiknei, e dradei immetiadamende te armá e munisiá o Alle...manho inderrinhe, borgause gue elle se bensa (e elle mesma tice nas suas tisgurses) gue bra a chende ser resbeitada, barcisa estar forte e peng armado! E borgause te isto elle fiz a rearmamende licherro te dudes allemongs, indé gue o Vaterland figuei o bodensia mais formitafel ta mundo! Elle brequei e tefenti o deorria ta rearmamende bra carrandir o báis no Oiroba, mas o seu deorria está só bra uço te Hitler e tas allemongs... Os odres nasongs nong bódeng faicê isto, a sua rearmamende está uma berriga bra o Reich e bra o báis to Oiroba... A zenhor Hitler está muide indellichuda, e bensa gue as odres estong pures!...

Tendo sua circulação interrompida entre junho de 1937 e abril de 1945, *A Manha* não pôde acompanhar os desdobramentos da Segunda Guerra Mundial. Apesar, no entanto, de a publicação ter sido retomada apenas após a capitulação da Alemanha, referências ao conflito quase acabado aparecem no periódico. No “Zublemend to Alle... manho”, os textos em que o tema é tratado expressam um forte sentimento de alívio, pela morte do “Führer”, pela derrota das tropas alemãs e pelo retorno que se divisa, enfim, pela expectativa do término definitivo da guerra e pela paz que se anuncia. É o que se vê em poema publicado em 04/05/1945, cujo título funciona como emblema do estado de espírito daquele momento, “Aleluia!”:

Adolfh Hitler chá morê
nong vive mais.
O quéra vai se agapá
e veng o báis

Chá bódeng foldá bra gasa
nosas rabais,
Os drobas alemongs se agapei
nong prica mais

O Humanidade vai tesgansá,
chêka te quéra.
Dudos vong foldá bra gasa,
bra o seu déra.

Dudos vong tar crassa bra Teus
e betir báis,
E dampeng betir bra Ele
non techá faice mais guéra
nunga mais.



ABSTRACT

The essay focuses on the texts published in *A Manha*, under the names of German characters apparently created by Aparício Torelly. One of the aims of this paper is to discuss the image “Germanness” at that moment in Brazil. We begin with a brief analysis of a few texts attributed to the German “contributors”; then we focus those articles which address nazism.

KEY WORDS

Brazilian macaronic literature, literature and immigration,
macarronic German.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética (A teoria do romance)*. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1988.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.
- CAPELA, Carlos Eduardo Schmidt. Língua-Pátria, línguas-párias. *Revista da Anpoll*, São Paulo: Humanitas, n. 4, jan./jun. 1998, p. 39-64.
- CARPEAUX, Otto Maria. Uma voz da democracia paulista. *Presenças*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1958. p. 200-204.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental* (v. 2), 2. ed., Rio de Janeiro: Alhambra, 1978.
- CURTIUS, Ernst. *European Literature and Latin Middle Ages*. London/Henley: Routledge & Kegan Paul, 1979.
- FIGUEIREDO, Cláudio. *As duas vidas de Aparício Torelly, o Barão de Itararé*. 2. ed., Rio de Janeiro: Record, 1988.
- HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1870: programa, mito, realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- KONDER, Leandro. *Barão de Itararé*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SENNETT, Richard. El extranjero, *Punto de vista* (Revista de Cultura), Bahia, n. 51, abr. 1995. p. 38-48.